**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DE SAÚDE EM SÃO GONÇALO DO AMARANTE - CE**

**Autores:** Regia Karen Barbosa¹, Thais Barros de Freitas², Joane Sousa Silva2, Paula Mikaelly Sales de Oliveira3,
Ed Carlos Morais dos Santos4

**Instituições:** 1- Acadêmica do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniFanor Wyden. Fortaleza, Ceará. Brasil. Apresentadora. 2- Acadêmicas do curso de Enfermagem do Centro Universitário UniFanor Wyden. Fortaleza, Ceará. Brasil. 3- Acadêmica do curso de Enfermagem da Faculdade Ateneu. São Gonçalo do Amarante, Ceará. Brasil. 4- Engenheiro Químico. Doutor em Bioquímica. Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Ceará. Brasil. Orientador.

A convenção Interamericana de Direitos Humanos define por violência contra a mulher qualquer conduta baseada no gênero que cause danos, morte, dor ou sofrimento físico, psicológico e sexual. Instigar a reflexão sobre o cuidado a essas vítimas é necessário, pois o modelo estruturado para realizá-lo é pouco conhecido entre profissionais da saúde. Tais profissionais têm certa dificuldade em lidar com essas vítimas, refletindo em pré-conceitos como o de culpar a vítima, desestimulando-a a denunciar o agressor, decorrentes da falta de capacitação pela instituição que se graduaram ou que atuam. Para que esses profissionais reconheçam a violência e cuidem das vítimas com efetividade, é necessário que estejam preparados, cabendo aos gestores das instituições de saúde e ensino superior prepara-los. Para isso, faz-se imprescindível a inclusão da temática da violência contra a mulher e das desigualdades de gênero na formação profissional. O estudo objetivou avaliar a percepção dos diferentes profissionais de saúde, no que se refere a violência contra a mulher no município de São Gonçalo do Amarante. Trata-se de um estudo de natureza exploratório descritiva-transversal. Foram utilizados dois questionários para coleta de dados, um direcionado a enfermeiros, visto que estes são o primeiro contato da vítima e outro para os demais profissionais da saúde, composto por questões objetivas e subjetivas. A população foi composta por médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem, assistentes sociais, psicólogas e agentes comunitários de saúde. O estudo passou pela análise e somente foi iniciado após aprovação do CEP/UNIATENEU. Foram entrevistados 114 profissionais, sendo 85% do sexo feminino e 15% masculino. Dos Enfermeiros entrevistados, 69% se sentem preparados para atender as vítimas, porém apenas 37% deles tiveram algum tipo de direcionamento sobre violência contra a mulher na sua formação acadêmica e 81% acredita que a informação oferecida na graduação influencia no acolhimento a essas vítimas, o que contradiz as respostas. Dos agentes comunitários de saúde entrevistados, 66% relataram não ter conhecimento do protocolo. Esse é um dado preocupante, visto que esses profissionais são muito próximos da população. Apenas 31% dos médicos, 44% dos enfermeiros e 39% dos técnicos de enfermagem conhecem o protocolo e muitas vezes, ao serem questionados sobre tal, o descreveram de forma errônea. De acordo com os dados, a dificuldade dos profissionais é consequência da falta de conhecimento do funcionamento da rede de atendimento (unidade básica de saúde, serviços especializados e atendimento jurídico/social) e do protocolo (acolhimento, notificação e encaminhamento). Logo, para que haja uma melhora significativa no atendimento prestado a essas vítimas, é imprescindível a capacitação dos profissionais da área da saúde, tanto na graduação, como para os profissionais já atuantes.

**Descritores:** Violência conta a mulher. Saúde da Mulher. Política Pública.